



I M P R E N S A

Cobertura do XVII ONU Jr.
em Tempo Real

Sumário

1.	Carta aos Delegados.....	2
2.	História da imprensa e a imprensa no mundo globalizado	3
3.	Direito à informação e liberdade de expressão	5
4.	Conceitos de notícia.....	7
4.1.	A notícia	7
4.2.	A reportagem	7
5.	Produção da Notícia.....	9
5.1.	A apuração	9
5.1.1.	Métodos de apuração.....	9
5.2.	A Entrevista	10
5.2.1.	Tipos de entrevista	11
5.2.2.	A realização da entrevista	12
6.	Redação da Notícia	13
6.1.	O texto jornalístico	14
6.2.	O lide	14
6.3.	Construindo a pirâmide	15
6.4.	As pirâmides	15
6.4.1.	A pirâmide invertida.....	16
6.5.	O uso de recursos midiáticos.....	17
7.	Tipos de Redação	20
7.1.	O editorial	21
7.2.	Notícia-fato.....	22
7.3.	Notícia-reflexo.....	22
8.	Linhas Editoriais	23
8.1.	Al Jazeera	23
8.2.	Diário do Povo Chinês.....	25

8.3.	Folha de S. Paulo	26
8.4.	Animal Político.....	26
8.6.	The New York Times	29

1. Carta aos Delegados

Caríssimos delegados e delegadas, desejamos-lhes boas-vindas!

É com muito prazer que recebemos os senhores e as senhoras no comitê de Imprensa da XVII Onu Jr. Vocês serão responsáveis por disseminar a informação durante o modelo por meio de mídias digitais e do papel.

O objetivo principal do nosso trabalho é colher, analisar e repassar informações que interessem ao público leitor. É imprescindível o comprometimento de nossos repórteres com a veracidade e o profissionalismo, visto que vocês têm uma influência direta no rumo dos debates.

Nessa edição do ONU Jr, trazemos uma imprensa totalmente renovada, buscando acercar o nosso comitê a uma redação da “vida real”. Nossos jornais cobrirão apenas os comitês que realmente lhe interessam, então cada jornalista será alocado especificamente em um dos nove comitês do ONU Jr e terá uma função crucial. Com esse novo esquema, a responsabilidade jornalística aumenta.

A fim de aumentar a credibilidade de nossos jornalistas, exploraremos a construção de cada matéria desde o início. A ideia é que um editor (um dos diretores de imprensa) acompanhe a redação do repórter ainda na escolha do enfoque, estabelecendo, inclusive, um prazo para a entrega da pauta. Queremos desenvolver o senso noticioso de cada um de nossos jornalistas e gerar notícias que sejam ainda mais relevantes no decorrer dos debates.

Além disso, vivemos em um tempo de redes sociais. O “papel” nem sempre é o meio que causa o maior impacto, então vai haver um grande enfoque na cobertura via *Instagram* (esperamos muitas histórias), *Twitter* e *Medium*.

Aguardamos para ver o engajamento dos senhores com o trabalho no comitê de Imprensa mais importante do XVII ONU Jr!

Ansiosamente,
Luiza Alves
Juliana Campanati
Juliana Martins
Marcelo Reis Filho
Marina Cabada

2. História da imprensa e a imprensa no mundo globalizado

A imprensa é um fenômeno recente com cerca de 300 anos de existência, e no princípio servia à sociedade burguesa e suas atividades lucrativas. Até o século XV, a informação escrita era transmitida através de vários tipos de materiais, como o papiro, linho, algodão e o pergaminho - apenas depois desse século o papel surge como divisor de águas. É por volta de 1438 que o alemão Gutemberg se utiliza da tipografia, uma invenção chinesa, e transforma os tipos de madeira para chumbo, tornando as composições mais convincentes. Esta primeira fase da imprensa foi marcada principalmente por dois fatores decisivos para a sua evolução: a baixa escolaridade da população e seu baixo poder aquisitivo (o papel impresso era muito caro).

Neste período os periódicos estavam divididos em dois: as gazetas manuais (totalmente manuscritas e de maior credibilidade) e as impressas. Esta foi a forma como se deu início ao intercâmbio mundial (1400-1600) e pode ser considerada a primeira fase da globalização, pois uniu o comércio entre as cidades europeias e o Oriente, além de divulgar as grandes descobertas acontecendo no momento. As centrais de correspondências estavam nos centros populacionais (Veneza, Áustria, etc.), e divulgavam somente os interesses pelo comércio e curiosidade sobre as viagens. Como as gazetas impressas eram pagas por assinatura a um alto custo, havia alguns problemas, tais como o conflito de informações, o que tornou lenta a sua expansão.

Entretanto, este período pode ser considerado o período “heróico” do jornalismo. Em 1517 está em curso o Fenômeno Religioso, um grande acontecimento divulgado pela imprensa: Reforma com as teses de Martinho Lutero, críticas à Igreja, aos dogmas, às indulgências, ao celibato, à infalibilidade do papa e à utilização de Cristo para a manipulação. Nesse período, a leitura passou a ser instituída como uma forma de salvação, pois a bíblia, antes monopólio da igreja passa agora a ser de domínio público (traduzida do latim e impressa pelas novas técnicas).

Com o intuito de formar novos leitores para os jornais, inicia-se por volta do séc. XVI a alfabetização familiar centrada na religião. No século seguinte tem início a contrarreforma, e com ela a reestruturação das sociedades, inclusive com um grande significativo aumento do poder aquisitivo, além da liberdade de expressão - incrementando o consumo de jornais.

Nesse período o surgimento dos jornais necessitava da autorização dos reis. Em 1788, há a queda da Bastilha. A livre comunicação neste período de liberdade de imprensa aliada aos meios de informação escritos aumenta em um curto período o que não havia acontecido nos

últimos 200 anos: em menos de 3 anos surgem quase 700 jornais nas cidades francesas, o que possibilitou o surgimento da imprensa moderna.

Esta evolução tornou a imprensa quase ativista, com opinião formada politicamente. A imprensa política deixa o gênero informativo e adota o gênero opinativo, a partir do momento que se caracterizava por ideologias as informações.

Ocorre um processo de transformação da Imprensa em mercadoria, o que levou à materialização de produtos como forma de ganhar dinheiro, principalmente nos Estados Unidos da América. O país teve um processo de urbanização rápido, com a transformação dos centros comerciais e foi uma forma de gerar lucros nunca vistos antes.

O processo de rompimento na imprensa escrita, ocorrido por volta de 1980, se dá com o advento do computador e seus recursos digitais, pois antes desse período o processo ainda era o mesmo de Gutenberg. Com o passar do tempo, o Jornalismo foi se adaptando, quase como obrigatoriedade de sobrevivência. Passou das notícias políticas aos informes sociais e esportivos, considerando o que o já exigente mercado requeria. Consequentemente, o jornalista passa a ser visto ou como inimigo ferrenho ou como aliado indispensável do político, do esportista, das celebridades sociais.

Nos séculos XX e XXI, o que se viu crescendo nos países foi um desenvolvimento da comunicação, oferecendo uma maior cobertura e transmissão de fatos e informações mundiais. Fatos que marcaram a História foram reproduzidos em notícias de alcance global, inclusive por meio de transmissões ao vivo, como a chegada do homem à Lua, por exemplo. Assim, diversos lugares do mundo receberam a mesma informação em tempo real. Hoje, com a modernização da mídia digital e de redes, a internet comercial, um dos mais recentes veículos de informação, é o meio de comunicação com maior índice de crescimento devido a sua acessibilidade e instantaneidade, reduzindo distâncias culturais e informacionais.

Nenhuma outra atividade profissional mantém tantos elos diretos com a sociedade, e a formação desta, que a jornalística. Talvez nem mesmo a política que, em tese, é a representante mais próxima das características de uma comunidade. O fato é: a maneira como o leitor compreende uma informação depende de sua formação social e mental, e o jornalista deve ser capaz de atingir indivíduos com variadas formações.

3. **Direito à informação e liberdade de expressão**

A questão central para a existência de um comitê de imprensa em um modelo de simulação, como o ONU Jr, é a necessidade de circulação de informação. Elas se baseiam em dois pressupostos básicos: o direito à informação e a liberdade de expressão.

Em linhas gerais, isso pode ser explicado da seguinte maneira: os líderes mundiais tomam decisões através da diplomacia, mas essas medidas não acabam ali, na alta política mundial; elas, de uma forma ou de outra, vão afetar a população. Até mesmo um discurso que não seja tão propositivo pode trazer questões vitais à um grupo de pessoas, como quando um representante de uma nação traz em seu discurso a xenofobia ou qualquer outro tipo de discriminação. Assim, a população tem o direito de saber o que está acontecendo, de ser informada das decisões e do que andam falando seus representantes. Nesse sentido entra o **direito à informação**.

Da mesma maneira, outras vozes podem querer ser ouvidas, querer projetar divergências, ou simplesmente mostrar as divergências presentes em uma proposta ou em um discurso. A imprensa cumpre esse papel ao poder levar à população notícias que contradigam, questionem ou até mesmo reafirmem o discurso oficial, com dados e fontes, mas sempre buscando manter o equilíbrio nas abordagens. Nisso entra a **liberdade de expressão**.

No ONU Jr, cada comitê de debates, terá três jornais, com linhas editoriais diferentes e com países-sede diferentes, tentando trazer uma pluralidade de visões àqueles que querem se informar durante o modelo (coisa que nem sempre é acessível a todos os leitores na vida real por inúmeras razões, principalmente político-econômicas).

Sob uma perspectiva mais teórica, o surgimento da liberdade de expressão é geralmente colocado na Grécia Antiga. No entanto, já naquela época existiam limitações à livre enunciação (havia a exclusão de alguns grupos sociais e a proibição de alguns temas). Foi a partir das revoluções liberais do século XVII¹ que essa questão ganhou mais peso e a liberdade de expressão passou a ser garantida por Constituições e leis nacionais. Seu entendimento era muito orientado pelo liberalismo, com uma noção mais individualista e ligada à propriedade privada

¹ As Revoluções Liberais foram uma série de movimentos que marcaram o Ocidente no Séc XVIII. Eram influenciadas pelos valores do iluminismo e foram responsáveis pela queda dos regimes monárquicos absolutistas. A Revolução Francesa é a maior expressão desse período, e carregava como bandeiras os valores de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

(os meios de comunicação). O direito a essa liberdade está consagrada no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Já o direito à informação se refere à “faculdade de buscar, receber e difundir informação” e de certa forma superar a simples noção de “liberdade”, ao garantir a “busca”, ou seja, ao cidadão lhe é garantido o direito de ativamente acessar informação. Enquanto a liberdade de expressão está mais ligada à enunciação, esse se refere ao caminho até a informação.

Hoje em dia já existe um conceito que busca superar tanto a liberdade de expressão quanto o direito à informação e dar conta das defasagens que eles apresentam; esse é o **direito à comunicação**. Surgido nos anos 80, passou a ser conhecido (mas não **reconhecido**) internacionalmente depois de uma sequência de esforços da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em explorar o campo da comunicação e entender os fatores que tornavam, entre outras coisas, o fluxo de informação concentrado em poucas mãos (o Informe Um Mundo Muitas Vozes – conhecido como Relatório MacBride - é o principal produto dessas discussões). Esse “novo” direito nunca foi regulamentado, mas serve até hoje como um ideal de comunicação.

O diferencial é a ampliação do direito à informação, com uma perspectiva bilateral, ou seja, não apenas “buscar/receber/dar” informação, mas também ser visto, ouvido e poder falar. Na projeção desse direito, que reconhece o ser humano como um comunicador nato por natureza, há a exigência de um equilíbrio e uma pluralidade informativa. Segundo Duhalde e Alen (1999), “seu fundamento é a ideia ética ou humanista de que existe a responsabilidade de garantir uma distribuição mundial mais justa dos recursos necessários para que a comunicação seja possível”.

No ONU Jr, trabalharemos com essa ideia. Aqui, há uma pluralidade de vozes, não há um poder econômico que limite o alcance dos diferentes jornais. Mas isso também significa que aquele ou aquela que assumir a tarefa de comunicador no ONU Jr também terá grandes responsabilidades.

Em um mundo ideal em que a comunicação é economicamente equilibrada, quem cumpre a função de jornalista deve trabalhar sempre buscando o equilíbrio, dando espaço para diferentes versões de um mesmo ocorrido. A tarefa é se comprometer com a informação, com o leitor e, principalmente, com a veracidade.

4. Conceitos de notícia

4.1. A notícia

A notícia é a matéria prima da produção jornalística, mas no que ela consiste? Notícia é tudo que o público precisa saber sobre determinado fato transcorrido, segundo um jornalista. O jornalista atua como um *gatekeeper* dessas informações, então nem tudo que é noticiado é notícia, ou nem tudo que chega às redações é noticiado - mas pode-se dizer que algo não existe enquanto não é contado.

O que leva um acontecimento a virar notícia são seus valores-notícia, ou seja, é preciso que seja um fato novo, tenha proximidade (física ou psicológica) com o público e/ou trate de alguém com notoriedade. A proximidade faz com o que os leitores se identifiquem, mas pode ser também algo inusitado, que levaria ao choque. Deve ser um acontecimento importante ou interessante - frisando que há uma grande diferença entre estes. Para ser importante, deve se tratar de algo de utilidade pública, ou necessário para a vida em sociedade (podemos citar como exemplo os prazos de entrega de declaração do Imposto de Renda), enquanto o interessante apela mais para os aspectos sociais, não burocráticos.

É imprescindível que a notícia seja transmitida de maneira objetiva e imparcial, visto que se trata apenas do que o público precisa saber sobre tal fato transcorrido. Contudo, é notório que tomar os valores de sua audiência, ou dialogar com a mesma, pode levar ao maior engajamento com o veículo.

Em suma, a notícia se resume a transmitir um acontecimento de interesse do público leitor, prezando pela objetividade.

4.2. A reportagem

A reportagem pode ser estabelecida como a ampliação da notícia. Caso não haja uma notícia, vira crônica, opinião. Ela pode ser interpretativa ou investigativa, mas os dois tipos demandam textos mais aprofundados e extensos do que uma notícia.

Notícia e reportagem são ambas textos jornalísticos, mas como já foi dito, a notícia requer um texto estritamente informativo, de caráter impessoal - enquanto há a possibilidade

de haver a opinião do autor em uma reportagem. Esta também discorre mais sobre temas sociais que interessem à sociedade.

- O termo “reportagem” pode ter quatro abordagens diferentes, sendo elas:
- O resultado da busca de uma informação, cobertura;
- A atividade de coleta, preparação e redação da informação;
- O conjunto de jornalistas encarregados do setor informativo do jornal;
- O produto resultado do trabalho de reportar certos fatos, com o objetivo de aprofundar o assunto e provocar debate.

É sobre a última que vamos nos debruçar mais a fundo.

A elaboração de uma reportagem tem algumas particularidades, entre elas: a humanização do ocorrido através do uso dos personagens envolvidos, a contextualização da conjuntura social através da identificação da sociedade com as questões sociais que a afligem e a reconstrução histórica da trajetória daquele fato.

Há, também, diferentes tipos de reportagem. Elas podem ser

- De rotina, cobrindo acontecimentos usuais em ambientes como hospitais, delegacias, instituições de ensino, etc
- Grande reportagem, cobrindo acontecimentos extraordinários, que fogem do comum
- Matéria de serviço, que não necessariamente trata de um fato específico ocorrido, mas que pode trabalhar com recomendações, dicas, etc

Dito isso, é importante também frisar que o repórter é o meio pelo qual tudo isso se torna realidade. Portanto, ele deve possuir noção intuitiva de notícia, saber diferenciar o que é notícia e saber “explicar, interpretar, analisar, juntas os indícios e raciocínios para mostrar ao seu público o sentido daquela notícia, o que significa e onde pode levar”.

5. Produção da Notícia

5.1. A apuração

A apuração jornalística é um dos princípios básicos do jornalismo, colher todos os dados possíveis de um acontecimento, buscando a visão mais completa do fato, a etapa do processo da produção jornalística na qual se busca informações que podem ou não ser empregadas no texto final. A apuração é normalmente associada a matérias, mas qualquer conteúdo jornalístico exige alguma apuração.

Em matérias jornalísticas, mais especificamente, a pauta pode ser considerada o ponto de partida da apuração. O que sucede a apuração, no caso dos veículos impressos, é a redação e, idealmente, a confirmação dos fatos apurados. A apuração pode, também, estar associada a checagem dos fatos, e é o que diferencia os jornalistas de todos os outros profissionais envolvidos na elaboração de um jornal. Também é uma maneira de tentar aproximar a informação da verdade jornalística.

5.1.1. Métodos de apuração

Essa coleta de informações acontece por meio de observação, entrevista, investigação ou pesquisa (consulta a arquivos e documentos). Ir até o local dos acontecimentos, buscar documentos, entrevistar fontes, ou realizar pesquisas de qualquer tipo são os métodos de apuração. Além disso, a apuração se dá de duas formas:

- Indireta: o jornalista utiliza meios intermediários, como contato por meio de assessoria de imprensa e questionários.
- Direta: encontra-se pessoalmente com a fonte ou comunica-se com ela por telefone. E quanto ao ‘crédito’, o guia utiliza a classificação de Sousa (2001), que categoriza as fontes da reportagem em on the record, on background, on deep background e off the record.

On the record (atribuição directa, para publicação) – A fonte é identificada e tudo o que ela profere pode ser objeto de enunciação jornalística. É a regra comum e aquela que deve ser usada quando a fonte não pede confidencialidade. On Background/not for attribution (atribuição com reserva) – A fonte não é totalmente identificada, embora sejam dadas algumas pistas superficiais sobre os meios em que ela se

movimenta. [...] On deep background (atribuição com reserva total) – Não só a fonte não é identificada como também não pode ser referido o meio em que ela se movimenta, embora as informações fornecidas pela fonte possam ser difundidas. [...] Off the record (confidência total) - A fonte não pode ser identificada e a informação que ela fornece não pode ser divulgada. Contudo, esta informação auxilia, frequentemente, o trabalho do jornalista (Sousa, 2001, p. 67-68).

5.2. A Entrevista

Diversas áreas do conhecimento são afeitas às entrevistas, isto é, tem o costume de fazer uso dessa técnica para algum tipo de demanda. Esse instrumento pode cumprir objetivos diversos, desde a pesquisa científica à um caso judicial. No jornalismo, contudo, ela visa obter informações que serão utilizadas para entretenimento e informação, podendo ser veiculadas tanto em mídias audiovisuais, quanto na imprensa e digital, e que, em última análise são um produto comercial.

A entrevista é uma técnica de diálogo com regras unilaterais. Ou seja, uma das partes, o entrevistador, faz as perguntas (cria as regras) e a outra parte, o entrevistado, as segue respondendo-as. Embora cunha-se como “técnica de diálogo”, o diálogo pressupõem que ambos os lados troquem ideias e desenvolvam o assunto proposto, colocando em questão tal definição.

Outra possibilidade de definição para Cremilda Medina é a de que a entrevista é “uma técnica de interação social, de interpenetração informativa”. Para a autora é possível criar um diálogo de fato com o entrevistado com uma medida ótima de distância e proximidade em relação ao investigador.

No dia a dia do repórter, a entrevista depende do momento:

- Ocasional: qualquer pessoa pode ser colhida por uma indagação e muitas vezes não sabe que está sendo entrevistada; como não é acertada previamente, é a urgência ou a necessidade que a leva a esse tipo de entrevista, em que você pode colher a pessoa de surpresa;

- **Temática:** você tem um tema que está perseguindo e procura especialistas para ajudá-los;
- **Em profundidade:** você deve tentar se aprofundar nos assuntos, procurar conhecer os entrevistados com antecedência, a fim de aprender todos os sentidos do diálogo.

5.2.1. Tipos de entrevista

Há várias maneiras de conduzir esta técnica de diálogo no meio jornalístico, cada uma servindo a um fim. Estão listadas abaixo alguns tipos de entrevistas pertinentes ao mundo dos jornalistas e às senhoras e senhores que serão delegadas e delegados de imprensa.

- **Entrevista-diálogo:** é a entrevista verdadeira, com contribuições de ambas as partes. Diversas vezes, é preciso tricotar um pouco com o entrevistado, para fazê-lo relaxar; de outras, um elogio surte efeito é possível deixá-lo à vontade. Ou você fala de si e ele resolve se abrir;
- **Confissões:** é o depoimento ou entrevista testemunhal, na qual o entrevistado se apaga pra deixar falar o outro. Todo o depoimento vem entre aspas, com uma breve abertura para introduzir o assunto;
- **Entrevista conceitual:** o entrevistador procura ouvir os dois lados da questão;
- **Entrevista investigativa:** o jornalista no papel de cão de guarda da sociedade encarregado da verificação de abusos do poder, vai atrás das informações e denúncias. Usa frequentemente meio indiretos de averiguação, aproveita muitos offs, ou seja, momentos de bastidores em que por meio de conversas são obtidas informações;
- **Entrevista pingue-pongue:** é a clássica pergunta e resposta que, geralmente, é gravada para facilitar a edição. No jornal e na revista, o formato requer uma apresentação rápida e descritiva da vida do entrevistado. Questões e respostas podem ser editadas;
- **Entrevista coletiva:** é uma modalidade de entrevista que tem sido frequentemente utilizada formalmente pela organização dos modelos. É uma modalidade clássica de entrevista de um para muitos, um ou dois entrevistados e vários entrevistadores, representando diferentes veículos. Cabe ressaltar que para o funcionamento dessa

lógica nas simulações, há algumas adaptações na modalidade. As coletivas durante a simulação são organizadas de modo a incluir os delegados de imprensa de um determinado comitê e representantes selecionados de países ou ONGs, cabendo mais de dois entrevistados por coletiva. Essa escolha é feita entre os membros da imprensa e os diretores do comitê selecionado, visando criar entrevistas produtivas e relevantes para os debates. Assim, os jornalistas preparam suas perguntas previamente com o auxílio do corpo de diretores. A sua duração interrompe o curso das sessões, mas sem tomar o seu tempo integral.

- Entrevista exclusiva: as declarações são resultado do esforço do repórter em busca do fato, ou de iniciativa do entrevistado, que não deseja dividir a informação com mais ninguém. Realiza-se um pacto: o repórter obtém da fonte o compromisso de não divulgar as informações até que as tenha publicado.

5.2.2. A realização da entrevista

Fazer uma entrevista é, em outras palavras, marcar um encontro com alguém para abordar um tema específico sobre o qual ela possa falar algo que lhe interessa. Dessa forma, para o bom andamento e resultado de sua busca, algumas dicas e conhecimentos prévios são necessários.

Primeiramente, cortesia, respeito e precisão são boas posturas para com a fonte e se adequam para a atividade. Apresentar-se, identificando seu veículo e dizendo a razão de sua entrevista também é importante para o esclarecimento do seu entrevistado.

Saber quanto tempo você terá para sua entrevista também é primordial. É com essa informação que deverão ser elaboradas as perguntas. Se o tempo for curto, seja objetivo, faça perguntas que vão direto ao ponto.

Também, mesmo que haja tempo, não faça perguntas muito longas! concentre-se no que quer obter do entrevistado. Tente usar o tempo para conquistar a confiança antes de fazer perguntas delicadas.

Preparar-se para o seu entrevistado é outra grande dica. Leia tudo o que puder. E no momento da realização da entrevista faça anotações, utilize um gravador, preste atenção no desenvolvimento de raciocínio do entrevistado. De acordo com Thaís Jorge (2015), quando o entrevistado disser uma palavra contundente, anote-a entre aspas.

Por fim, mantenha-se atento ao entrevistado. Mesmo que ele faça rodeios para dar sua resposta, não o induza a uma saída, deixe que ele fale. Caso seja dito algo muito importante ou de grande valor para o que objetiva faça perguntas para reiterar o que fora trazido: “então, o senhor(a) disse que...”.

6. Redação da Notícia

O jornalismo nem sempre foi como o conhecemos hoje. O mundo mudou, e com ele, também a profissão e as formas de se passar uma história foram modificadas. Devemos ter em mente que, inicialmente, o jornalismo possuía uma forte ligação com a literatura. A forma de se contar uma história beirava o estilo dos contos de fada, com início, meio e fim, contextualização, uso de adjetivos, etc, o que colocava um caráter opinativo muito forte na notícia.

O mundo muda, as revoluções industriais modificam a lógica trabalhista e de consumo, e, com isso, o modo de se pensar jornal se modifica. Ele começa a adquirir as características que hoje possui, começa a ser pensada a técnica do lead (um tipo novo de estrutura textual). As pessoas querem saber de tudo, a todo tempo e sem juízo de valor, obrigando a forma da notícia a se modificar.

“O profissional do jornalismo deve juntar a prática a perfeição”, é a frase de Thais de Mendonça Jorge que traduz tacitamente a necessidade da criação de um estilo de texto jornalístico. Com as sucessivas revoluções tecnológicas e a sensação de aceleração do tempo, o encurtamento das distâncias e a vida moderna se tornando cada vez mais ocupada, há uma crescente necessidade de uma absorção rápida da informação - mas que expresse, sem falácias, a notícia factual.

Primeiramente, deve-se pensar que a redação jornalística possui uma técnica (o lide). Ela tem uma lógica, macetes, pode ser uma verdadeira receita de bolo. Através da explanação a seguir, pretendemos simplificar a parte que mais suscita dúvidas do que vem a ser o fazer jornalístico: a produção textual.

6.1. O texto jornalístico

O texto jornalístico hoje tem a premissa de ser imparcial. Sabemos que a imparcialidade total e completa não existe. Tanto isso é um fato que os jornais possuem linhas editoriais específicas que afetarão a forma como será feita a cobertura das notícias. Por isso, é preciso filtrar a profusão de dados que são coletados e escolher quais deles vão para a notícia, não só por serem relevantes mas por servirem ao propósito do jornal. Mesmo evitando o uso de adjetivos, mesmo tentando apenas noticiar os ditos “fatos”, a escolha das palavras e a construção e estruturação do texto modifica a percepção do leitor acerca do assunto.

A clareza na construção do texto também deve ser uma preocupação. Períodos longos demais prejudicam a compreensão da mensagem, bem como a estruturação do texto deve ser feita de tal forma que os parágrafos não contenham ideias muito diferentes entre si para não deixarem o texto confuso.

Deve-se ter cuidado com o uso da voz ativa e passiva na enunciação do texto também, pois isso produzirá efeitos diferentes na leitura. A voz ativa dá mais destaque a quem realiza uma ação, ela cria um vilão ou um herói numa história. Já o uso da voz passiva tira a emoção do texto, buscando, justamente, apassivar, conferir um clima de pouco movimento. Além disso, é preciso objetividade: o texto deve ser assertivo, indo direto ao cerne da notícia e trazendo a tona a questão principal, sem “enfeitar” o texto nem dar voltas no assunto.

6.2. O lide

O lide é um aportuguesamento da palavra “lead”, do inglês, que traduzida significa “liderar, conduzir, comandar”. Como a palavra, o lead tem origem nos Estados Unidos, e foi consolidado pelo The New York Times. O lide constitui uma unidade de pensamento, ele introduz, resume, fornece explicações ao leitor; tem como objetivo situá-lo diante dos fatos e permitir que a leitura o catie ou que ele apenas passe pelo lead rapidamente. Ele possui quatro funções fundamentais: o que?; quem?; quando?; como; onde?; por que? e para que?. Os parágrafos do texto devem ser homogêneos, tendo de 5 a 7 linhas (10 em casos especiais), pois eles facilitam a visualização.

As dicas para construir um lead “forte” são:

- Use verbos de ação

- Evite o uso da voz passiva
- Evite os verbos ser e estar
- Apure bem (dois terços mais do que a pauta)
- Utilize expressões claras e precisas
- Forneça dados gerais para detalhá-los depois no corpo da matéria

O sublead, por outro lado, é uma invenção brasileira, onde se agrupam no parágrafo posterior ao lead as informações de menor importância. Nele, se desenvolvem as informações do primeiro parágrafo ou complementos da informação.

6.3. Construindo a pirâmide

Uma redação real logicamente difere da redação de um modelo diplomático. Primeiramente, a apuração é feita, e a partir dela, um planejamento, a manchete, a ideia do lead da matéria, etc. Com esse planejamento em mãos, se fala com o editor e, decidido onde ficará a matéria, se consulta o diagramador para saber o espaço disponível da matéria para que, então, o jornalista possa escrever. O mesmo será feito no modelo, com a exceção de que já saberão previamente de qual espaço dispõe, uma vez que será o mesmo todos os dias. Após apresentarem o planejamento da matéria devem redigí-la para ser entregue no deadline (horário limite de entrega de matérias).

6.4. As pirâmides

O nariz-de-cera era o formato jornalístico utilizado até a modernização do jornalismo, possuindo um caráter muito mais literário do que o que entendemos hoje como jornalístico. Havia toda uma contextualização do evento antes de chegar ao de fato ocorrido, e produzia uma parcialidade muito presente na notícia.

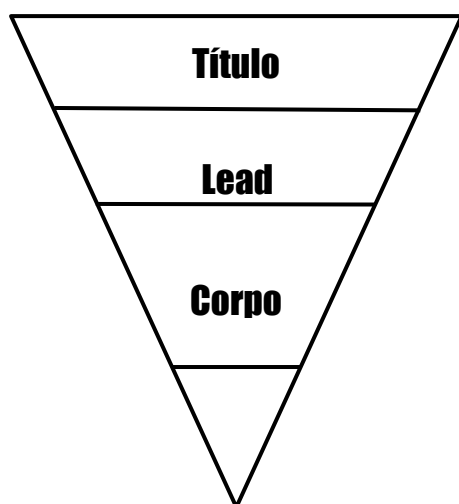
Pompeu de Sousa foi um grande jornalista brasileiro, que introduziu o lead no Brasil e o “abrasileirou” - foi ele o criador do sublead. Pompeu coletou as informações necessárias para a elaboração do Manual de Redação e contribuir com a modernização do jornalismo brasileiro,

eliminando o estilo nariz-de-cera. Algumas das dicas presentes no Manual podem ser sintetizadas da seguinte forma:

- O primeiro parágrafo deve conter um resumo conciso das informações do texto (o que, quem, onde, como, por que)
- Ordene o desenvolvimento da notícia de acordo com a importância e atualidade
- Use parágrafos curtos (máximo de 7 linhas, 10 em casos especiais)
- Evite palavras desnecessárias, qualitativos, etc.
- Evite períodos longos, com mais de 4 linhas.
- Não inicie parágrafos sucessivos com a mesma palavra

A pirâmide em si é dividida da seguinte forma: base (o lide e sublide, que introduzem o assunto), corpo (desenvolvimento da matéria) e fecho (o cume da pirâmide). Deve-se lembrar que a pirâmide, tanto a invertida quanto a normal, são pensadas para o texto jornalístico, mas podem ser adaptadas para outros, como teses, editoriais, etc, por ser formada por blocos de pensamento.

6.4.1. A pirâmide invertida



A pirâmide invertida possui as seguintes características: o texto começa do mais importante, apresenta os fatos da maneira mais fácil possível e forma blocos de pensamento. A

lógica das pirâmides (a normal e a invertida) é a mesma, o estilo do texto é igual. A diferença é que a pirâmide normal narra os acontecimentos cronologicamente, sendo geralmente usada para reportagens. A pirâmide invertida, da qual faremos maior uso durante o modelo, por outro lado, se organiza do mais importante para o menos relevante, e por isso é usada para escrever matérias. O título e o subtítulo compreendem a manchete, aquilo que chamará atenção do leitor; o lead as informações mais importantes; o corpo, o desenvolvimento do lead, “como” aconteceu; e o pé é o mais irrelevante da matéria, aquilo que pode ser cortado caso a diagramação assim o exija, uma informação complementar.

6.5. O uso de recursos midiáticos

O uso das mídias sociais está cada vez mais disseminado e se arraigando em nossos costumes, e com os veículos jornalísticos não é diferente. Há inúmeras redes sociais disponíveis, cada uma com sua especificidade e público alvo. No caso jornalístico, contamos com os próprios aplicativos de cada jornal, por exemplo, que muitas vezes permite a criação de um perfil para o usuário comentar e interagir nas reportagens - além dos mais famosos, como Facebook, Instagram, Medium e Twitter, dos quais nós vamos nos utilizar.

Entender o uso dos recursos visuais faz-se essencial, então, nesse modo de veicular notícias. As fotografias têm se tornando parte extensa das matérias jornalísticas e existem, hoje, inclusive, matérias inteiras assinadas com uma única foto. O Mídia Ninja por vezes já realizou esse tipo de construção jornalística da notícia.

Contudo, elucidaremos ainda sobre o uso imagético na forma tradicional de veiculação da notícia, demonstrando como se inserem nesse espaço, para qual fim devem ser utilizadas e que mudanças operam na notícia quando utilizadas. Assim, nosso objetivo é que, além de realizar uma boa matéria em termos textuais, produzam imagens jornalísticas de qualidade.

6.5.1. Fotos

O uso imagético nas páginas do jornal, em uma primeira análise, se pretende a chamar a atenção do leitor. As fotografias nos jornais das últimas décadas têm ocupado boa parte das páginas, como se pudessem ser elas mesmas a própria notícia. Observa-se que, em muitas

coberturas, texto visual e escrito ocupam nas folhas do jornal espaços assimétricos. A imagem, por vezes, tem o grande destaque em matérias poucos parágrafos.

Essa prática diz respeito à mudança da receptividade imagética que nossa sociedade tem sofrido recentemente. Com o advento das redes sociais, e favorecidos pelo modo como estas dispõe seu conteúdo, parece-me que estamos cada vez mais suscetíveis a receptividade do imagético, das aparições visuais da notícia. Ao que parece, as imagens têm grande capacidade de nos chamar a atenção e despertar nosso interesse para o texto escrito.

É nesse sentido de compreensão da dimensão persuasiva das imagens que podemos compreender, por uma outra perspectiva, a utilização delas em meio a matéria. Essa mobilização teria como objetivo destacar parte da narrativa construída pelo veículo ou, ainda, espetacularizar o acontecimento trazido pelo jornal. Assim, as imagens, com certa manipulação, que seria a produção adequada do material visual, seleção e escolha de posicionamento em meio a matéria, podem também produzir sentidos aprimorados ao conteúdo escrito. Assim, outro uso jornalístico da imagem a ser enfatizado seria o seu aporte para gerar novos sentidos no texto escrito ou aprimorar uma construção argumentativa já trazida pelas palavras.

Para além, é preciso destacar que, no concernente às notícias de assunto criminal, a mobilização imagética é feita a fim de realizar uma “demonstração do factual”. Os fotojornalistas possuem a função de construir o visual do acontecimento, dar realidade ao ocorrido e gerar ânimos com a reprodução da configuração cênica do local do crime.

A teórica da imagem Persichetti discorre sobre o dogma da imagem realista e a crise do fotojornalismo. Essa crise teria se desencadeado com o advento da fotografia digital, no qual os indivíduos, que antes eram apenas espectadores da imagem, passaram a ser produtores desta e, com isso, teriam desmistificado a suposta objetividade e neutralidade fotográfica, noção na qual desde o seu surgimento, o fotojornalismo tinha se embasado (Martinez & Persichetti, 2015, p. 57). Com essa “quebra” do dogma, a partir dos anos 2000, a imprensa, principalmente, se viu obrigada a deslocar os sentidos do uso fotográfico.

A imagem a partir dessa virada poderia ser contestada, discutida e não aceita. Como disse Kossoy (2007), a imagem não é mais um espelho do real (apud, Martinez & Persichetti, 2015). Segundo Persichetti (2012, 93-94), seria preciso que elas deixassem de ter uma estética

publicitária, apoiada na estética do conteúdo, que deixa de lado a informação, o fato, para se tornar quase uma mera ilustração (apud, Martinez & Persichetti, 2015, p. 57).

Nessa perspectiva, observa-se os efeitos de sentido que o aporte imagético pode gerar em relação aos focos editoriais. Assim, uma outra forma de apropriação imagética feita pelas mídias diz respeito ao enfoque ideológico. É nesse sentido que Boris Kossoy (2007, p.31), historiador de fotografia brasileiro, chama atenção para o fato de que as imagens, ao mesmo tempo em que têm preservado as referências e lembranças, documentando os efeitos cotidianos dos indivíduos e das sociedades em suas múltiplas ações, fixando, enfim a memória histórica, também se prestaram - e se prestam - aos mais interesseiros e dirigidos usos ideológicos (apud, Martinez & Persichetti, 2015, p. 57). Por isso, acredita-se que nenhuma imagem é livre de recortes e olhares direcionados, elas não são criadas em atitude ingênua.

Os delegados de imprensa, ao longo dos dias de ONU Jr., devem se atentar aos princípios e reflexões expostos acima para produzir as imagens de suas matérias e *posts*. Nesse sentido, faz-se necessário que as fotografias não sirvam apenas como elementos ilustrativos do texto, mas também como complementos das narrativas propostas. Deve evitar-se o uso de imagens vazias, ou seja, aquelas que não se relacionam com personagens ou eventos relevantes para as linhas editoriais e fatos noticiados.

Além disso, é preciso se atentar ao foco e enquadramento ao utilizar-se seu equipamento, entre outros aspectos técnicos. O processo de criação fotográfico não deve atrapalhar o andamento dos comitês ou constranger delegados, diretores, *staffs*, ou qualquer outra pessoa presente na sala. Caso seja necessário estar em posição que possa interromper ou desviar a atenção do comitê, peça autorização aos diretores para realizar a foto.

6.5.2. Redes Sociais

6.5.2.1. Instagram

O *Instagram* tem se tornado um veículo para além de seu foco inicial que eram as fotografias. No meio jornalístico, pode-se encontrar a imprensa se utilizando cada vez mais do seu feed para dar foco em manchetes mais “visuais”, em que a foto já é suficiente para entender o acontecimento e vem então acompanhada de uma legenda explicativa curta, ou em manchetes/postagens em que ela é utilizada como “gancho” para fazer o leitor clicar no link da

reportagem completa. Essas duas utilizações distintas são válidas, cabe ao autor/gestor utilizá-las da melhor maneira.

Por ser um veículo extremamente visual, deve-se atentar à coesão de imagens e formatos utilizados, pois um feed com imagens extremamente diferentes entre si pode ser desagradável ao leitor. Os “stories” são uma ferramenta mais recente que tem suas peculiaridades a serem aproveitadas. Você pode - e deve! - utilizá-la para avisar que saiu um post com uma matéria inédita, por exemplo, mas por que não ir além e se utilizar dos recursos disponíveis para tentar interagir com o leitor? Cabe à criatividade e ao planejamento de cada um, mas o uso dessas ferramentas é encorajado por gerar um maior engajamento do público com o jornal. Nos stories cabe também material inédito, não sendo necessário postar no feed todas as reportagens produzidas.

6.5.2.2. Medium

O *Medium* se assemelha a um blog e é a melhor opção para divulgar textos completos, como reportagens, entrevistas, qualquer texto com elementos textuais tanto quanto visuais. No nosso caso, ele será o meio principal em que os jornais e suas respectivas reportagens ficarão disponíveis online. A “página”, ou o autor, é centralizado em uma conta da Imprensa do ONU Jr, e as reportagens são sempre sinalizadas a qual jornal ela pertence. Aqui não há muito segredo, pois a formatação, o texto, etc é o da própria reportagem, mas ao invés de estar impressa, estará disponível online.

6.5.2.3. Twitter

O *Twitter* se fez como uma rede com posts (tweets) com limite de 140 caracteres - ou seja, posts curtos. Hoje, apesar do limite ter aumentado, a sensação de se fazer coeso em poucas palavras continua reinando. Logo, pode-se utilizar das mesmas opções do Instagram: uma manchete auto-explicativa ou um “gancho” para um assunto mais profundo. Pelo seu formato, também possibilita a “repostagem” (retweet) de outros perfis - o que pode ser útil ao retweetar uma fonte de uma matéria, por exemplo, e também para a interação com os leitores.

7. Tipos de Redação

O jornalismo, enquanto integrante da área de comunicação social, possui amplas formas de atingir seus interlocutores, trabalhando com variadas técnicas e recursos. Diante disso, é possível dividir o tear jornalístico em diversos gêneros que, por sua vez, trabalham com variados tipos de textos. Dentre esses, encontramos o informativo e o opinativo.

No informativo, preocupa-se com a transmissão dos fatos em curso ou já repercutidos. O conteúdo, que deve ser relevante, veraz e objetivo, sobrepõe a forma. As notícias e reportagens são os tipos textuais enquadrados neste conceito.

O opinativo é um gênero em que há maior liberdade de escrita para o seu autor. Nele, permite-se o uso de técnicas de argumentação e descrições mais subjetivas. É nesse campo que se dão as análises, artigos de opinião, resenhas, críticas e editoriais sobre os temas considerados relevantes pelo escritor ou jornal.

Os delegados do Comitê de Imprensa do XVI ONU Jr. transitarão entre esses gêneros e tipos, devendo utilizá-los de acordo com as circunstâncias dos comitês, os contextos históricos e seus padrões editoriais.

7.1. O editorial

O editorial é um tipo de texto encontrado no jornalismo opinativo. Diferencia-se dos artigos de opiniões e de outros conteúdos analíticos por reproduzir o posicionamento oficial de uma empresa jornalística.

Os meios de comunicação, portanto, usam o editorial como uma forma de expressar a opinião do veículo diante de temas relevantes para a sociedade. Esse tipo de texto faz-se importante por posicionar aquela empresa diante do público que compra e lê sua produção jornalística.

Nesse sentido, a escolha de temas, termos e posicionamentos adotados é feita de modo a proteger os interesses do jornal e fazer a manutenção de seu corpo de leitores. Afinal, o texto será assinado pela empresa e não por um de seus jornalistas ou colunistas.

Em termos estilísticos, o editorial é permeado por um tom impessoal e analítico. O uso de adjetivos, advérbios e outros recursos é permitido. Faz-se importante notar que o objetivo do texto é argumentar a favor de uma perspectiva adotada pelo veículo.

Ademais, o editorial pode ser um instrumento para reforçar o posicionamento da empresa ou promover a revisão de uma opinião institucional diante do desenrolar dos fatos. O primeiro caso pode ser visto em *O impeachment em retrospecto*, publicado pelo *Estado de S. Paulo* em 12 maio de 2017. O texto reforça o apoio do jornal *Estadão* ao movimento que tirou a presidente Dilma Rousseff de seu cargo, como exposto em *O impeachment é o melhor caminho*, publicado em sete de abril de 2016.

Por outro lado, o jornal carioca *O Globo* utilizou o editorial como uma forma de se reposicionar dentro do cenário político brasileiro. Em dois de abril de 1964, o texto *A Democracia Ressurge* exaltava o golpe civil-militar que acabara de destituir o presidente João Goulart. Já em 31 de agosto de 2013, sob a luz dos protestos daquele ano, a empresa publicou *O apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro*, assim formulando um posicionamento de tratar a antiga opinião institucional como um tropeço em sua trajetória.

7.2. Notícia-fato

A notícia-fato pode ser considerada como integrante do jornalismo informativo. O seu principal objetivo é retratar fatos que influenciem o andamento de um comitê. A produção de uma notícia como essa é, geralmente, acordada entre os diretores do Comitê de Imprensa, os delegados de um determinado jornal e os diretores de outro comitê do evento.

Dependendo do acordo, a notícia pode trazer novas ocorrências ao debate. No caso de reuniões e conferências históricas, se faz possível reproduzir acontecimentos que já estavam previstos em sua linha do tempo, mas ainda não apareceram de forma oficial dadas as datas em que as sessões iniciaram.

Esse texto cria o momento chamado de “Crises” em Modelos Diplomáticos, podendo levar até mesmo ao “fechamento”² de um comitê ou à mudança radical de sua pauta. A cautela é necessária nessa produção, pois a notícia não deve criar um novo obstáculo para os debatedores, mas sim trazer informações que acrescentem ao andamento dos debates.

Durante a feitura de uma notícia-fato, recomenda-se que o delegado escolhido busque reler o Guia de Estudos do comitê em questão e entre em contato com os diretores para auxiliá-lo com o conteúdo que pretende divulgar.

7.3. Notícia-reflexo

A notícia-reflexo é um dos integrantes do jornalismo informativo. Esse texto busca retratar as reações da sociedade diante dos posicionamentos e decisões de governos e instituições. Dado que um dos papéis da imprensa é retratar acontecimentos relevantes, é

² O “fechamento” do comitê ocorre quando os delegados de um comitê decidem que o debate deve ser feito à portas fechadas por uma questão de segurança, sigilo das informações discutidas, entre outros fatores. Se a sessão for fechada, a Imprensa não pode permanecer ou entrar na sala de debates até que ocorra a reabertura.

evidente que, no contexto de um Modelo Diplomático, o desdobramento dos debates entre civis e outros agentes extra-comitês ganha notoriedade.

Para produzir esse texto, o delegado deve observar atentamente os temas em pauta, o andamento dos debates e as propostas que os diplomatas estão colocando no palco do comitê. Diante disso, será possível dizer se os representantes estão progredindo ou estagnados perante um assunto, assim como se as soluções pautadas estão em consonância com aqueles que serão afetados por essas propostas.

Essa modalidade de notícia deve impactar o comitê, mantendo a verossimilhança e a coesão com o comitê e a linha editorial do jornal. Por isso, a notícia-reflexo é produzida em acordo com o delegado de um determinado veículo, os diretores do Comitê de Imprensa e os diretores do comitê afetado. O seu conteúdo e forma devem ser aprovados por todas as partes antes que ocorra a publicação final.

8. Linhas Editoriais

Nessa seção do Guia de Estudos serão expostos os lineamentos editoriais dos jornais selecionados para a cobertura do ONU Jr.

8.1. Al Jazeera

A *Al Jazeera* (expressão árabe para “A Península” ou “A Ilha”) é uma jovem referência no campo midiático. Criada em novembro de 1996, é sediada em Doha, no Qatar. Nos seus primórdios, sua programação era voltada para a audiência árabe; entretanto, poucos anos depois, a emissora veio a atingir alcance mundial ao transmitir os pronunciamentos do então chefe da *Al-Qaeda* Osama Bin Laden durante os ataques ao Afeganistão no pós-11 de setembro de 2001.

Sua origem está na forte atuação da *BBC* no mundo árabe através de seus serviços de rádio. Em 1995, a emissora britânica fechou um acordo com a Orbit Communications, empresa estatal saudita, garantindo o fornecimento de material jornalístico para o principal canal da *Orbit*. A situação começou a desmoronar com a insistência da *BBC* em conquistar sua independência editorial após grande resistência do Governo saudita em permitir a elaboração de documentários sobre a perseguição e execução de dissidentes do regime absolutista. Em abril de 1996, a exibição da decapitação de um opositor ao regime vigente na Arábia Saudita levou a Orbit a dar fim ao contrato com a *BBC*.

No ano anterior, o Emir Khalifa bin Hamad Al-Thani foi deposto pelo seu filho, Hamad bin Khalifa Al-Thani. No poder, o novo Emir se sentiu desapontado com o hiato na imprensa árabe e voltou atrás pouco tempo depois, permitindo a criação da *Al Jazeera* sob seu financiamento, defendendo que seu funcionamento seria doutrinado pela exibição das notícias “como elas são”.

Pela primeira vez no mundo árabe, um canal de notícias proporcionava um novo olhar sobre as notícias globais. Outro fato inédito era a quebra do padrão que impedia a crítica de qualquer Governo da região, algo consensual entre os Chefes de Estado locais, que comandavam a imprensa com mãos de ferro. Isso, posteriormente, rendeu à *Al Jazeera* represálias, como no caso de Bahrein, que cortou a transmissão de sua programação, e também do Paquistão e mesmo Israel.

No Ocidente, o canal era encarado como um porta-voz oficial da *Al-Qaeda*. Apesar do financiamento do regime do Qatar, a *Al Jazeera* dispunha de uma liberdade editorial imensurável, o que rapidamente lhe garantiu uma grande audiência no Oriente Médio. Dessa forma, vinham preocupando ainda mais o Ocidente, considerando as investidas militares que se seguiriam.

A emergência global da *Al Jazeera* ocorre em um contexto parecido com o da *CNN*, que ganhou relevância internacional na transmissão da Guerra do Golfo. Ambos os canais se dedicaram à programação de notícias no formato “24/7” (24 horas por dia, sete dias por semana). A qualidade da transmissão do conflito afegão se deu pela existência de um escritório da *Al Jazeera* em Cabul, a capital do país, fato que impulsionou uma expansão do canal para outros países de forma a corresponder ao impacto internacional da sua cobertura de outrora. Seu sucesso, entretanto, não impediu represálias dos Estados Unidos, que bombardearam os escritórios de Cabul e, posteriormente, de Bagdá sob a acusação da emissora atuar como porta-voz dos terroristas. O então Presidente George Bush planejou bombardear a sede do canal em Doha, mas esse movimento foi desmantelado pelo Primeiro Ministro do Reino Unido à época, Tony Blair.

Embasada na promessa de uma cobertura mais transparente que a da Guerra do Golfo, quando a emissora não existia, a *Al Jazeera* investiu fortemente na transmissão da Guerra do Iraque, garantindo o crescimento exponencial de seu prestígio. Visando a concorrer com a americana *CNN*, supostamente menos imparcial, lançou a versão internacional em inglês, o que

garantiu sua consolidação como uma rede de notícias respeitada internacionalmente e de grande amplificação global.

Recentemente, Tun Khin que escreve para o *Al Jazeera*, criticou a inação internacional em relação aos acontecimentos com o povo de Rohingya, há um ano atrás, ao que ele chamou de “aniversário escuro”. Segundo ele, Mianmar tem perseguido por décadas suas políticas genocidas contra Rohingya, e a violência que começou no ano passado apenas ecoa campanhas militares igualmente brutais no final dos anos 1970 e início dos anos 90. O mundo deve agir agora para quebrar esse ciclo de violência.

8.2. Diário do Povo Chinês

Fundado em 15 de junho de 1948, em Pingshan, o Diário do Povo (Rénmín Rìbào) é um jornal em chinês simplificado publicado em todo o mundo, traduzido para mais de dez línguas, e com uma tiragem de três a quatro milhões de exemplares. O principal jornal do país, e o periódico oficial do Partido Comunista da China.

Durante a Revolução Cultural, foi uma das poucas fontes de informação que os estrangeiros e os próprios chineses possuíam para saber o que o governo estava fazendo. Durante este período, um editorial do Diário do Povo era considerado um comunicado autorizado da política governamental, então era estudado e reproduzido por todo o país e analisado mundialmente para entender o governo chinês e seus próximos passos.

Editoriais deste são consideradas tanto por leitores estrangeiros quanto por alguns setores da população chinesa como declarações, às vezes autoritárias, da política oficial do governo. Porém, mesmo que qualquer opinião emitida em suas páginas deva ser aprovada pelo governo, há diversos exemplos, até hoje, de matérias e artigos com pontos de vista relativamente diferentes dos oficialmente expressos pelo governo; ou debates com visões radicalmente diferentes da usual, mas que são entendidas como importantes pelos jornalistas.

Desde a metade da década de 1990, o Diário do Povo tem enfrentado problemas devido ao decréscimo no recebimento de subsídios governamentais além do aumento da competição com as fontes internacionais de notícias e de outros jornais chineses. Como parte dos esforços para modernizar-se, o Diário do Povo criou uma edição na internet em 1997.

8.3. Folha de S. Paulo

O jornal *Folha de S. Paulo* tem suas origens no periódico *Folha da Noite*, fundado em 1921 por Olival Costa e Pedro Cunha. Posteriormente, o mesmo grupo empresarial lançaria *Folha da Manhã*, em 1925, e *Folha da Tarde*, publicado por um mês durante o ano de 1924 e com regularidade a partir de 1949. Os três jornais se fundiram em 1960, passando a ser publicados sob o título que vigora até os dias de hoje.

A partir da década de 1980, os editores do jornal criaram o primeiro padrão editorial, estabelecendo três metas para seus textos: informação correta, interpretações competentes e pluralidade de opiniões. Em 1984, a *Folha* publicou a primeira versão do *Projeto Editorial* e do *Manual de Redação*, criando e oferecendo padrões e orientações para seus jornalistas. A junção desses dois textos, além de outras medidas, ficou conhecida como *Projeto Folha*, tornando a publicação em um produto com aspectos singulares.

A criação do cargo de *ombudsman* também ocorreu nesse contexto de reformas internas. O profissional que cumpre essa função é responsável por receber as objeções e sugestões dos leitores, fazendo uma crítica interna do jornal e assinando uma coluna semanal. Esse movimento demonstra a preocupação da *Folha* com a opinião de seu público e com o processo de constante adaptação de seus padrões ao meio em que se encontra.

Otávio Frias Filho, herdeiro da empresa, ocupou o cargo de diretor de redação de 1984 até sua morte, em agosto de 2018. Ele liderou o processo de reformulação e atualização do jornal. Entre as medidas que adotou, estava a prática de dar o mesmo espaço para quem o denunciante e o acusador, publicando as duas versões lado a lado. Para Otávio, seguir as regras da direção não era compulsório, mas um recurso para textos e análises mais elaborados.

8.4. Animal Político

O *Animal Político* é um site que aposta nas informações geradas por sua equipe de jornalistas, designers, programadores e editores de vídeo, que por meio do jornalismo investigativo e projetos multimídias, oferece aos leitores um serviço que inclui os destaques de eventos nacionais e internacionais, humor e debates. Ao longo de 9 anos de funcionamento, a página da internet tornou-se um dos meios nativos digitais de notícias de maior influência no México.

O portal manteve-se ativo previamente à criação do site, através da conta no Twitter @parajopolitico (“pássaro político”), criada em outubro de 2009 pelo jornalista e empresário de mídia Daniel Eilemberg. O perfil surgiu em uma época em que a mídia digital ainda não era de extrema popularidade no México e os sites de jornais, que eram basicamente cópias das versões impressas, caracterizavam-se como protagonistas do consumo de notícias na internet.

Daniel Eilemberg convidou o jornalista mexicano Daniel Moreno para estar à frente do projeto da rede social. A conta @parajopolitico era comandada por uma equipe de jornalistas, que informavam e adotavam um diálogo direto com seus leitores. Em novembro de 2010, ela evoluiu para sua forma atual, o site *Animal Político*.

O site se foca principalmente em tópicos como a corrupção e os direitos humanos, investigando-os através do jornalismo de dados. Tania Montalvo, editora-chefe do *Animal Político*, liderou o projeto NarcoData em 2015, um dos mais significantes do jornalismo de dados no México. Foi a primeira plataforma digital interativa que explicou a presença e a evolução do crime organizado no México desde os anos 70.

O jornalismo de dados do *Animal Político* foi a principal causa do recorrente impacto da plataforma digital no México. Reportagens emblemáticas como “As Empresas Fantasma de Veracruz”, publicada em 2016, que revelou como o governo do Estado de Veracruz usou uma rede de corporações fictícias para desviar milhões de pesos, e “A fraude mestre”, que revelou um esquema de desvio que envolveu dependências do governo federal, universidades públicas e empresas fantasmas, só alcançaram tal patamar devido à abordagem de gerenciamento de dados e a forma como o site apresenta informações complexas de forma simples.

Além do jornalismo de dados, *Animal Político* também aposta na iniciativa de fact-checking³. O site realiza a tarefa de avaliar o discurso dos políticos para encontrar inconsistências e informações falsas. El Sabuesco (“o cão farejador”) é o nome do projeto, que utiliza uma metodologia inspirada pelos principais sites de fact-checking: Politifact e Chequeado, dos Estados Unidos e da Argentina, respectivamente. Desde a sua criação, em janeiro de 2015, El Sabuesco tornou-se um dos poucos esforços de verificação de fatos ainda existentes no México.

³ O fact-checking é uma checagem de fatos, isto é, um confrontamento de histórias com dados, pesquisas e registros.

Atualmente, Animal Político está entre os três meios digitais de notícias mais lidos do México, com 3,6 milhões de visitantes únicos. Denunciando violações de direitos e exigindo responsabilização das autoridades, o site tornou-se uma referência em jornalismo investigativo digital.

8.5. The Guardian

O *The Guardian*, conhecido, até 1959, como Manchester Guardian, é um jornal diário com nove milhões de leitores britânicos. Além de sua edição impressa e on-line do Reino Unido, o jornal atualmente possui três sites internacionais: *Guardian Australia*, *Guardian USA* e *Guardian International*.

Fundado em 1819 pelo comerciante de algodão, John Edward Taylor, o jornal teve sua primeira edição publicada dois anos depois, no dia 5 de maio de 1821. Seu sobrinho, CP Scott, tornou-se editor em 1872 e comprou o periódico em 1907. Ele estabeleceu os valores liberais do jornal e deu-lhe uma reputação internacional. Em 1919, começou a publicar uma edição especial para leitores no exterior, na forma do Guardian Weekly.

Em 1936, o periódico passou a fazer parte da fundação The Scott Trust Limited. Ela foi criada para garantir a independência financeira e editorial do, até aquele momento, Manchester Guardian, além de preservar a liberdade jornalística e os valores liberais do jornal, evitando qualquer interferência comercial ou política no veículo. O jornal continuou a florescer e, em 1959, mudou seu cabeçalho para somente *The Guardian*, a fim de representar a amplitude de seus leitores e cobertura.

Os anos do Guardian viram mudanças rápidas no mundo da imprensa britânica. Em 1993, o Guardian Media Group adquiriu o Observer, o jornal de domingo mais antigo do mundo, como um periódico irmão do *The Guardian*. Dois anos depois, o jornal introduziu seu primeiro site e em 1999, uma série de sites, que juntos, formavam o Guardian Unlimited, antecessor do theguardian.com de hoje.

Entre as matérias mais ilustres do jornal, estão o escândalo de escutas telefônicas envolvendo a News International, uma subsidiária da News Corporation, em 2011. A empresa publicava o jornal News of the World, que era um dos maiores jornais de circulação no mundo e foi fechado por conta das investigações. *The Guardian* também divulgou notícia da coleção

secreta de registros telefônicos da Verizon Communications, uma holding estadunidense especializada em comunicação, realizada pela administração de Barack Obama em junho de 2013 e, posteriormente, revelou a existência do programa de vigilância PRISM, depois que foi vazado para o jornal pelo denunciante Edward Snowden da Agência de Segurança Nacional (NSA) dos Estados Unidos.

Nos últimos anos, o *The Guardian* desenvolveu e expandiu suas operações digitais. Entre 2009 e 2010, o jornal lançou uma série de novos produtos e serviços digitais, incluindo o primeiro site nacional de jornalismo de dados. Em 2014, foi nomeado o “Jornal do Ano” no British Press Awards, pela revelação sobre a vigilância do governo estadunidense. Quatro anos depois, o jornal foi relançado em um novo formato tablóide e no mesmo dia, um *The Guardian* foi lançado para leitores on-line globalmente.

8.6. The New York Times

O jornal *The New York Times* (NYT) remonta suas origens ao ano de 1851, tendo Henry Jarvis Raymond e George Jones como fundadores e o nome inicial de *New York Daily Times*. O título atual começou a ser utilizado em 1896, pouco após Adolph P. Bochs comprar o controle do jornal.

Inicialmente inclinado ao Partido Republicano, o *Times* gradualmente passou a se associar aos Democratas⁴. Esse movimento começa na década de 1870, culminando no apoio à Grover Cleveland, candidato democrata à presidência, em 1884. É importante notar que o veículo adota, historicamente, a postura de declarar o candidato que apoia em cada ciclo eleitoral norte-americano.

O *Times* assumiu papel proeminente no contexto do United Nations Historical Security Council (UNHSC), comitê do XVI ONU Jr.. Durante a 2ª Guerra Mundial, que precede e orienta os debates, o NYT teve dois jornalistas presos, um no Japão e outro no norte da África, e mais dois mortos durante o conflito. Já em 1945, o veículo foi o único meio de comunicação a ter um jornalista nos bombardeios de Nagasaki. Faz-se necessário observar que o jornal tinha

⁴ O Partido Democrata, na atualidade, é conhecido por usar a intervenção do Estado como um meio de diminuir desigualdades socioeconômicas e gerar desenvolvimento, tendo Hillary Clinton e Barack Obama como dois de seus líderes recentes. Em contrapartida, o Partido Republicano defende pautas sociais ligadas aos movimentos conservadores e religiosos e questões econômicas relacionadas ao liberalismo, tendo George W. Bush e Donald Trump como figuras proeminentes.

apoiado a chapa de Harry S. Truman, então presidente dos Estados Unidos da América (EUA), nas recentes eleições de 1944.

Em 1972, o jornal ganhou o prêmio Pulitzer pela publicação do *Pentagon Papers*, que revelou um estudo, dividido em 47 volumes, do Departamento de Defesa norte-americano sobre a atuação dos EUA no Vietnã. O governo Nixon tentou retaliar e impedir que o *Times* continuasse a divulgar o estudo, mas perdeu o caso na Suprema Corte do País.

Já no contexto da Liga dos Estados Árabes Histórica (LEAH), o *New York Times* não publicou editoriais no mês anterior e posterior ao Acordo de Camp David - realizado entre os governos egípcio e israelense e mediado por Jimmy Carter, então presidente dos EUA - por causa de greves de diversas categorias. Assim como em 1948, o jornal também tinha apoiado a candidatura do então presidente nas eleições que precedem o comitê do ONU Jr.

Na contemporaneidade, os conflitos entre o governo de Donald Trump e o *Times* são recorrentes. Em seus editoriais, o jornal critica as propostas do governo federal e do Partido Republicano. Da mesma forma, abre espaço, em suas notícias e reportagens, para as diversas denúncias judiciais contra Trump e sua campanha.

É possível dizer que *The New York Times* faz oposição ao atual governo norte-americano nas questões envolvendo refugiados, comércio exterior e a relação com a Organização das Nações Unidas. Ao mesmo tempo que oferece espaço para essas temáticas em suas páginas, o jornal não adota uma postura combativa em suas notícias e reportagens.

8.7. The Intercept

The Intercept é uma publicação recente, lançada em 2013 nos Estados Unidos e em 2016 no Brasil. É uma publicação 100% digital e trabalha com diferentes formatos, como podcasts, vídeos e mídia interativa. Financiada pelo fundador do eBay Pierre Omidyar, seus editores são Glenn Greenwald, advogado especialista em direito constitucional, Laura Poitras, cineasta e escritora e Jeremy Scahill, jornalista investigativo especialista em assuntos de segurança nacional e escritor. Apesar do financiamento principal vir de Omidyar, o *The Intercept* agora trabalha também com campanhas de “financiamento coletivo”, para criar mais independência.

Sua grande primeira publicação e o motivo a curto prazo de sua criação foram os documentos divulgados por Edward Snowden que mostravam que o governo americano,

através da NSA (Agência Nacional de Segurança), espionava civis e outros governos através de um programa de vigilância global. O objetivo da publicação a longo prazo é “produzir jornalismo destemido e contraditório em uma ampla gama de questões”.

No Brasil, o jornal se dedica ao noticiário nacional, mas também veicula reportagens produzidas originalmente nos Estados Unidos caso sejam de interesse internacional. Aqui, seu editor principal é Glenn Greenwald, principal responsável pelas matérias recentes da “Vaza Jato”, com conversas particulares revelando a parcialidade da operação Lava Jato⁵. Entre 2016 e 2017, o Intercept ganhou e foi finalista do National Magazine Award com reportagens de Barrett Brown e Sharon Lerner, respectivamente; ganhou o prêmio de melhor site de notícias do Webby Awards; ganhou três prêmios do New York Press Club Awards; três prêmios no Online News Awards; um prêmio Hillman de Jornalismo na Web e um prêmio no Awards for Reporting on the Environment - quase em sua totalidade, as reportagens premiadas eram de cunho investigativo.

⁵ A Operação Lava Jato é um conjunto de investigações em andamento pela Polícia Federal do Brasil, que cumpriu mais de mil mandados de busca e apreensão, prisão temporária, prisão preventiva e de condução coercitiva, visando apurar um esquema de lavagem de dinheiro que movimentou bilhões de reais em propina.

Referências

ADAMS, T.; LOUTTIT, M.; TAYLOR, R.. New York Times endorsement through the ages. **New York Times**, 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2016/09/23/opinion/presidential-endorsement-timeline.html>>. Acesso em: 23 de ago. 2018.

AL JAZEERA. Opinion, Myanmar. **Al Jazeera**, 25 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/indepth/opinion/rohingya-dark-anniversary-spur-global-action-180825080417120.html>>. Acesso em: 27 de ago. 2018

BBC. Egypt Country Profile. **BBC**, 4 Abr. 2018. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-13313370>>. Acesso em: 22 de ago. 2018.

CHOKSHI, Niraj. Behind the race to publish the Pentagon Papers. **New York Times**, 20 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/12/20/us/pentagon-papers-post.html>>. Acesso em: 23 de ago. 2018.

COHN, Amélia; HIRANO, Sedi. **Folha de S. Paulo**. In: _____. ABREU, Alzira Alves. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/folha-de-sao-paulo>>. Acesso em: 23 de ago. 2018.

DUHALDE, Eduardo Luis; ALLEN, Luis Hipólito. **Teoría Jurídico-Política de la Comunicación**. Buenos Aires: EUDEBA, 1999.

DELMANTO, Renato. **Folha de S. Paulo - Projeto editorial**. Disponível em: <http://www.renatodelmanto.com.br/casper/Folha_Projeto-Editorial_Completo.pdf>. Acesso em: 23 de ago. 2018.

DE MIRANDA, Iraildes. **Manual de Redação (Folha de S. Paulo) (Resumido)**. Disponível em: <<http://www.acmcomunicacao.com.br/wp-content/midias/Manual-de-Redacao-Folha-de-SP.pdf>>. Acesso em: 23 de ago. 2018.

Democrats. **Party Platform**. Disponível em: <https://democrats.org/about/party-platform/>. Acesso em: 08. de out. 2018.

Encyclopedia Britannica. **Al-Ahram**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Al-Ahram>>. Acesso em: 22 de ago. 2018.

Encyclopedia Britannica. **Republican Party**. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Republican-Party>. Acesso em: 08 de out. 2018.

Folha de S. Paulo. **História da Folha**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/pages/historia_da_folha.shtml?fill=4>. Acesso em: 23 de ago. 2018.

Folha de S. Paulo. Otávio liderou campanha das Diretas-Já e reforma editorial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 ago. 2018. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/otavio-liderou-campanha-das-diretas-ja-e-reforma-editorial.shtml>>. Acesso em: 23 de ago. 2018.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2015.

MORAIS, Maria João. Diário Le Figaro muda formato e imagem. **Público**, 03 out. 2015. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2005/10/03/jornal/diario-le-figaro-muda-formato-e-imagem-41955>>. Acesso em 25 ago. 2018.

New York Times. **Our History**. Disponível em: <<https://www.nytc.com/who-we-are/culture/our-history/#1835-1880>>. Acesso em: 23 de ago. 2018.

O Estado de São Paulo. O impeachment é o melhor caminho. **O Estado de São Paulo**, 07 abr. 2016. Disponível em: <<https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,impeachment-e-o-melhor-caminho,10000025268>>. Acesso em: 22 de ago. 2018.

O Estado de São Paulo. O impeachment em retrospecto. **O Estado de São Paulo**, 12 mai. 2017. Disponível em: <<https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-impeachment-em-retrospecto,70001775295>>. Acesso em: 22 de ago. 2018.

O Globo. O apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro. **O Globo**, 31 ago. 2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>>. Acesso em: 22 de ago. 2018.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Ana Estela. **Projeto Folha inicia jornalismo moderno**. Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/choque_editorial.shtml>. Acesso em: 23 de ago. 2018.

Reporters Without Borders. Major decline in freedom of information since army takeover. **Reporters Without Borders**, Egito, 21 mai. 2014. Disponível em: <<https://rsf.org/en/news/major-decline-freedom-information-army-takeover>>. Acesso em: 22 de ago. 2018.

ROCHA, Paula Melani; NORONHA, Mariana Galvão. As especificidades da apuração no processo de produção da reportagem. **Revista Estudos em Comunicação**, nº 23, 171-193. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/23/pdf/ec-23-08.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

SOUSA, J. P. (2011). Elementos do jornalismo impresso. **BOCC – Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

VALENTE, Leonardo; SANTORO, Maurício. A diplomacia midiática do governo Hugo Chávez. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 60, v. 5, maio 2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/060/60valentesantoro.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2018